



Sentidos do trabalho para agricultoras familiares em uma feira agroecológica

Scheila Girelli¹
Vanessa Rossetto Ransolin²
Teresinha Rita Boufleuer³
Juliano Luiz Fossá⁴

Recebido em: 02-09-2023

Aceito em: 13-01-2024

Resumo

Este estudo apresenta os resultados de uma pesquisa que teve como objetivo compreender a constituição dos sentidos do trabalho para agricultoras familiares em uma feira agroecológica. Para a produção de informações foram utilizadas entrevistas semiestruturadas e intervenção fotográfica, com cinco trabalhadoras que comercializam seus produtos em feiras. Constatou-se pelos resultados que o trabalho como agricultora e feirante conta fundamentalmente com a força de trabalho familiar. O trabalho na agricultura ora emerge atrelado à qualidade de vida, autonomia e flexibilidade, ora reproduz o lugar atribuído socialmente à mulher, pela possibilidade de conciliar o trabalho remunerado com as atribuições de “dona do lar”. A feira traz possibilidades de ruptura, na medida em que possibilita o acesso ao espaço público, dando visibilidade aos produtos e à capacidade produtiva e de gestão destas trabalhadoras. Observa-se que o trabalho é central na vida destas mulheres, especialmente pelas relações por ele mantidas e construídas, conferindo uma identidade profissional. Conclui-se a importância da criação e fomento de políticas públicas que valorizem o lugar da mulher como agricultora e feirante, reconhecendo estes contextos laborais como espaços de geração de trabalho e renda, também de (re)construção de histórias de vida e produção de novos sentidos.

Palavras-chave: Sentidos do trabalho. Mulheres. Agricultura familiar. Agroecologia.

Senses of work for family farmers in an agroecological fair

Abstract

This study presents the results of a research that aimed to understand the constitution of the meanings of work for family farmers in an agroecological fair. For the production of information, semi-structured interviews and photographic intervention were used, with five workers who sell their products at fairs. It was found from the results that the work as a farmer and marketer relies fundamentally on the family workforce. Work in agriculture sometimes emerges linked to quality of life, autonomy and flexibility, sometimes it reproduces the place socially assigned to women, due to the possibility of reconciling paid work with the attributions of “housewife”. The fair brings possibilities of rupture, insofar as it allows access to public space, giving visibility to the products and the productive and management capacity of these workers. It is observed that work is central in these women's lives, especially because of the relationships it maintains and builds, giving them a professional identity. It concludes the importance of creating and promoting public policies that value the place of women as farmers and marketers, recognizing these work contexts as spaces for generating work and income, as well as for (re)construction of life stories and production of new senses.

Keywords: Work senses. Women. Family farming. Agroecology.

¹ Mestrado em Psicologia (UFSC). Professora da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ). E-mail: scheilapsi@unochapeco.edu.br

² Graduação em Psicologia (UNOCHAPECÓ). E-mail: vanessa.r@unochapeco.edu.br

³ Mestrado em Ciências da Saúde (UNOCHAPECÓ). E-mail: teresinhboufleuer@gmail.com

⁴ Doutorado em Administração (UFSC). Professor da Faculdade Empresarial de Chapecó. E-mail: j.fossa@unochapeco.edu.br

1 Introdução

O estudo aqui apresentado resulta de uma pesquisa com a temática a constituição dos sentidos do trabalho para agricultoras familiares em uma feira agroecológica. Foi desenvolvida a partir do contato com uma feira que acontece em Chapecó (SC), cidade que se constitui como principal polo da agricultura familiar do Oeste de Santa Catarina, região em grande expansão. A cidade possui uma relação histórica com as feiras, que se constituíram historicamente na região, dando novas possibilidades de renda para agricultores familiares (Vasques, 2016; Fossá: TERNUS; Badalotti; 2020).

De caráter qualitativo, adotou-se como procedimento de busca de informações a entrevista compreensiva, proposta de Zago (2011), e a intervenção fotográfica (Maurente; Tittoni, 2007). Os resultados da pesquisa foram organizados a partir dos Núcleos de Significação, proposta de Aguiar e Ozella (2006), e analisados à luz dos referenciais teóricos da Psicologia Social e do Trabalho, em interface com áreas que dialogam sobre o tema, a exemplo da Economia e da Sociologia.

O conceito de sentido neste estudo é baseado numa perspectiva marxista, que defende o trabalho como produtor da vida humana e social, e por isso deve ser reconhecido pela sua centralidade. Assim, trata-se da perspectiva de um trabalho que produz sentido, quando, além de atender as necessidades humanas, possibilita o exercício da autonomia, da criatividade, da valorização do saber humano, do domínio e gestão dos processos, ou seja, de um trabalho que não aliena (Tolfo; Piccinini, 2007, p. 38).

Segundo as autoras, as primeiras contribuições da Psicologia sobre o estudo do sentido do trabalho foram dadas pelos psicólogos Hackman e Oldhan (1975), ao atribuir uma aproximação entre sentido no trabalho e qualidade de vida no trabalho. Segundo eles, um trabalho com sentido possui como características fundamentais a variedade de tarefas, a não-alienação e o feedback. Assim, o trabalhador pode desenvolver multiplicidade de competências, com ampliada visão sobre seu trabalho, realizando-o com maior autonomia, liberdade, independência e responsabilidade. Isso, associado a um retorno adequado sobre seu desempenho, possibilita permanente melhoria e sentido no que realiza.

Diante destas premissas, compreende-se neste artigo, a partir de uma perspectiva marxista, o sentido do trabalho como um componente que se liga em diferentes variáveis, pessoais e sociais, com influência nas ações das pessoas e na natureza social.

Diante destas premissas, compreende-se os sentidos do trabalho numa perspectiva marxista, sendo um componente que se liga em diferentes variáveis, pessoais e sociais, com influência nas ações das pessoas e na natureza social. Diante do objetivo traçado para a pesquisa, o artigo foi organizado em três seções além da introdução e considerações finais. A segunda seção demonstra o percurso metodológico que orientou a pesquisa e a terceira apresenta os principais resultados e discussão com o referencial teórico de base.

2 Metodologia

A pesquisa realizada caracteriza-se como qualitativa. Segundo Minayo (2013), este tipo de pesquisa preocupa-se com os significados, explorando mais profundamente os aspectos, que passam a ser contemplados a partir de subjetividades e modos de realidade dos sujeitos pesquisados. Para Godoy (1995), pesquisar qualitativamente requer o interesse em conhecer o fenômeno pela visão do participante, em que todos os pontos de vista são importantes e devem ser levados em consideração, o que necessita um contato direto e prolongado com o objeto de estudo, como realizado neste trabalho acadêmico.

Participaram da pesquisa cinco mulheres⁵ que trabalham como agricultoras familiares e feirantes. Essas são casadas, possuem de um a dois filhos, idades entre 35 e 61 anos e escolaridade que varia do ensino fundamental a superior. O tempo de atuação nestes contextos laborais varia de 1 a 6 anos, com exceção de uma delas, que sempre trabalhou como agricultora e feirante. Os produtos são bem diversificados e incluem: saladas, verduras, temperos, geleias, panificados, lanches, sucos, frutas, cogumelos, ovos, queijos, iogurtes e demais derivados do leite.

Foram utilizados como procedimentos de busca de informações a entrevista compreensiva e a intervenção fotográfica. De acordo com Zago (2011), a entrevista compreensiva possui como característica principal o seu modelo maleável, não rígido, que se constrói e se modifica de acordo com o direcionamento que a investigação toma. É também caracterizada, por ser semiestruturada, pelo aprofundamento nas questões investigadas, diferentemente da utilização de perguntas fechadas.

A construção da entrevista pautou-se no levantamento prévio de aspectos relacionados ao objeto da pesquisa, os quais se tornaram os tópicos norteadores do roteiro, de modo a criar

⁵ A pesquisa seguiu as normativas do Conselho Nacional de Saúde, sendo aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade a partir da qual foi desenvolvida o estudo, sob parecer n. 5.543.123.

um fio condutor na conversação. Por anteceder a intervenção fotográfica, foi importante por constituir-se como o primeiro contato com as participantes, quando foi possível conhecer suas histórias de vida, trajetórias profissionais, atividades cotidianas relacionadas à agricultura familiar e a feira. Por ser realizada neste contexto, também aproximou os pesquisadores do ambiente de trabalho, dos modos de organização da feira e das relações socioprofissionais ali construídas com colegas e clientes. As informações oriundas das entrevistas foram gravadas para posterior transcrição e análise.

A intervenção fotográfica, realizada num segundo momento, facilitou a comunicação e a expressão verbal por parte das participantes, como já apontavam em seus estudos Neiva-Silva e Koller (2002). O principal objetivo na utilização da fotografia na pesquisa se deu pela busca de significado na imagem apresentada. Conforme afirma Possamai (2007), a utilização da fotografia precisa estar atrelada à narrativa de quem a produziu, pois, sua imagem fragmentada retrata somente uma cena congelada, e não carrega consigo uma compreensão repleta de significado.

As participantes foram instruídas a produzirem uma foto com a seguinte questão: “o que é ser uma mulher agricultora e feirante?” Para responder a esta comanda, tiveram liberdade para escolher o que fotografar, limitando-se ao espaço de feira por ser o local utilizado para as entrevistas. As imagens foram registradas a partir de equipamento próprio da pesquisadora (celular). A narrativa fotográfica partiu inicialmente da discussão de como foi o processo de produção das imagens. Para tanto, alguns pontos foram norteadores: quais eram os sentimentos e pensamentos que conduziram a busca pelo foco da fotografia e se haviam encontrado imagem que os representasse. Na sequência foi realizada a construção da narrativa visual fotográfica. Esta teve como objetivo estimular a participante a praticar outras associações para nelas encontrar uma significação. Para tanto, foi dada ênfase a questões que abordassem os elementos escolhidos para serem fotografados, a relação destes com o tema e com a autora da fotografia, se tinham elementos importantes que foram excluídos da fotografia, reflexões que a imagem trouxe em relação ao cotidiano. Com as narrativas, foram também observadas as demais questões previstas no roteiro de entrevista, que ainda não tinham sido contempladas ou que merecessem ser mais bem exploradas.

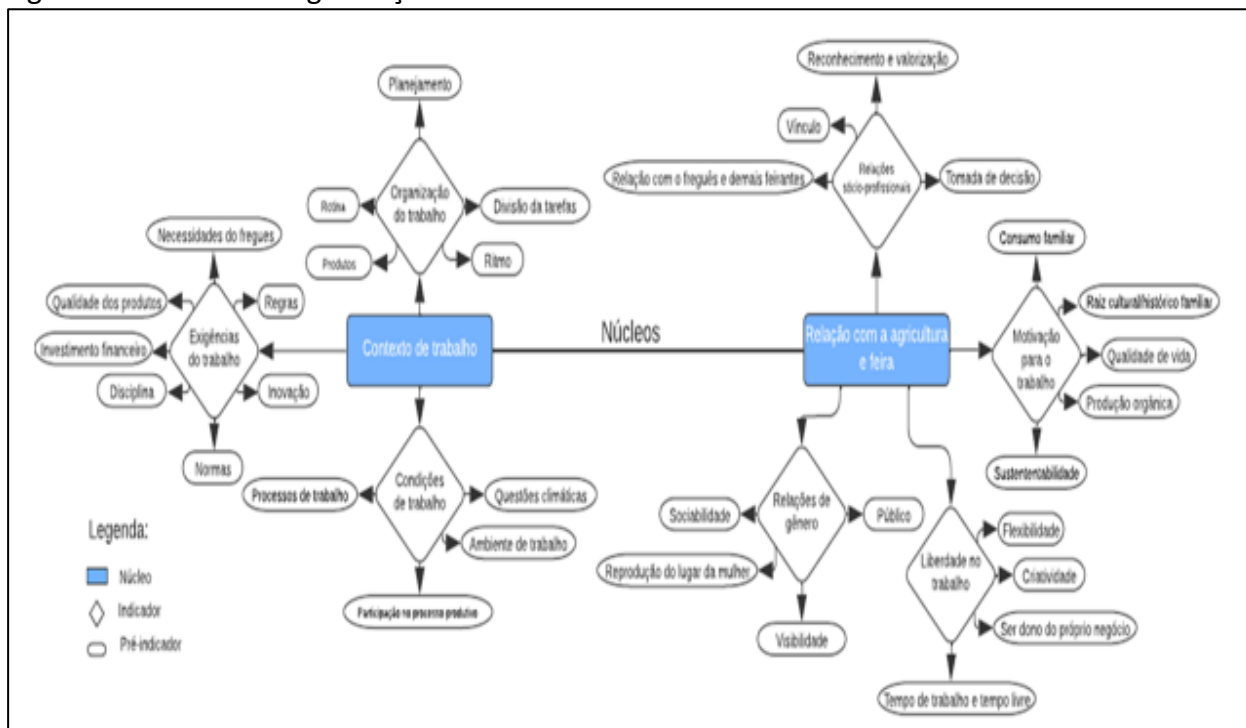
A análise das informações foi realizada a partir da criação dos Núcleos de Significação, proposta de Aguiar e Ozella (2006). Iniciou a partir do momento em que as entrevistas e narrativas foram transcritas, e com a leitura flutuante tornou-se possível compreender e familiarizar-se com o conteúdo adquirido, permitindo destacar os pré-indicadores. Esses, segundo os referidos autores, dizem respeito ao apontamento de temas levantados pelos

instrumentos com maior frequência, que puderam ser detectados “[...] pela importância enfatizada nas falas dos informantes, pela carga emocional presente, pelas ambivalências ou contradições, pelas insinuações não concretizadas, etc.” (Aguiar; Ozella, 2006, p. 230). Com isso, diversos pré-indicadores surgiram, e o principal critério para suas escolhas foi a utilidade para compreender o objetivo da pesquisa (Aguiar; Ozella, 2006).

Com este levantamento, seguiu-se para o processo de aglutinação dos pré-indicadores, a fim de integrá-los, utilizando de critérios como semelhança, complementaridade e contraposição. Portanto, os pré-indicadores se fundiram e deram origem aos indicadores, que são como temas gerais das questões levantadas. Para Aguiar e Ozella (2006), cada indicador carrega consigo conteúdos detectados nas entrevistas e narrativas que motivam sua existência e importância.

A partir dos indicadores, iniciou-se o processo de articulação, dando origem aos Núcleos de Significação (Figura 1). Esse momento marcou o início na análise, partindo dos dados empíricos para o ato de interpretação. Esse processo propiciou não apenas verificar, mas compreender transformações e contradições na construção de sentidos, considerando a dimensão histórica do fenômeno pesquisado.

Figura 1 - Núcleos de Significação



Fonte: Elaborado pelos autores.

Assim, a análise investigou as semelhanças e contradições no discurso dos sujeitos, a fim de revelar o movimento desses, avançando da fala para o sentido. Para finalizar, visando uma

compreensão mais global do objeto de estudo, foi necessária uma articulação dos Núcleos, o que propiciou uma nova percepção da realidade, mais complexa e integrada. Tal composição passa a ser descrita nas seções que compõe a descrição e análise dos resultados, a seguir.

3 Resultados e discussão

Para melhor discussão, os resultados serão apresentados em quatro itens: agricultura familiar e feira; a mulher agricultora e feirante; o trabalho neste contexto; e por fim, a perspectiva de uma nova relação com o trabalho para as participantes.

3.1 Agricultura familiar e feira

O público-alvo desta pesquisa foi de mulheres da agricultura familiar. O meio rural deve ser entendido para além de um espaço geográfico, mas como um modo de vida gerador de relações entre os seus integrantes e o meio de interação. A partir de Wanderley (2003) a agricultura familiar pode ser compreendida como a que é desenvolvida no estabelecimento produtivo pela própria família, sendo esta dona dos meios de produção. Este grupo social é capaz de integrar características do campesinato ao mesmo tempo que se utiliza de aspectos de modernização. No que se aproxima do campesinato, visualiza-se a produção para o próprio consumo, a vasta diversidade produtiva, as relações de troca com a comunidade, a participação em organizações coletivas, etc.

No Brasil, a agricultura familiar e seu modo de produção ocupam o seu espaço legitimado pela legislação brasileira com a Lei n. 11.326, de 2006. A Lei define os seguintes requisitos para se caracterizar como agricultura familiar:

I) não detenha, a qualquer título, área maior do que quatro módulos fiscais; II) mão-de-obra predominantemente da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento; III) que a renda familiar seja predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento; IV) gestão de seu estabelecimento ou empreendimento com sua família. (Brasil, 2006)

A agricultura familiar contribui com a economia brasileira ofertando alimentos a boa parte da população, sendo grande aliado ao combate à fome e à pobreza. Por conta de sua importância, diversos programas e políticas públicas foram criados com o intuito de proteger e amparar as famílias. Em 1996 foi criado o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura

Familiar (PRONAF), que através de linhas de crédito busca fortalecer as produções agrícolas (Brasil, 2006). Além desse, outros programas e ministérios foram criados, como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Territórios (PRONAT) (Fossá; Renk, 2021).

Apesar da contribuição que oferta, Vasques (2016, p. 26), aponta que a agricultura familiar enfrenta diversos desafios, destacando,

O envelhecimento da população rural; o êxodo da população rural; crise na sucessão das propriedades; concentração da produção, na qual menos produtores produzem cada vez mais; políticas públicas que não atendem as exigências destes agricultores; tendências de políticas voltadas ao setor primário exportador; reformas agrárias, como uma das poucas ferramentas para o surgimento de novos estabelecimentos familiares, que não apresentam êxito no que se referem à capacidade de geração de qualidade de vida; perda de espaço da abordagem territorial em detrimento dos programas setoriais e compensatórios.

De acordo com Fossá e Renk (2021), a partir do ano de 2016, verifica-se uma ruptura no entendimento por parte do Governo Federal resultando no esvaziamento das estruturas institucionais da agricultura familiar e, além disso, muitas políticas públicas foram extintas ou sofreram redução em seus recursos. Além da ocorrência de publicações que alteram a visão acerca da agricultura familiar, dando um tratamento homogêneo a essa.

A agricultura familiar, como já citado anteriormente, ocupa diversos espaços no mercado, portanto, seu campo de atuação é amplo e diversas possibilidades podem dar base à renda da família. Em uma dessas possibilidades se encontra a feira livre, que foi originada das trocas de mercadorias ainda na época da Sociedade Feudal, em que a sobra da produção primária abriu espaço para a troca de alimentos entre vizinhos. Com o aumento da produção, iniciou-se a prática de encontros de agricultores em um mesmo espaço, com objetivo de trocar mercadorias e alimentos, sendo chamado de “feiras”. As feiras-livres conhecidas hoje são ocupadas em sua maioria por agricultores familiares, que comercializam não necessariamente somente alimentos, já que seus objetivos vão muito além disso. É um espaço que possibilita trocas culturais, interações sociais, compra, venda, negociações, etc... (Schneider; Gazolla, 2017; Rover; Darolt, 2021). De acordo com Vasques (2016, p. 26), “A feira livre possibilita a ligação entre o urbano e o rural e enfatiza a busca pelo sentimento de pertencimento a quem a ocupa.”

Na região oeste de Santa Catarina, na qual está a cidade de Chapecó, onde aconteceu a pesquisa aqui descrita, encontra-se, a partir de dados da Secretaria de Desenvolvimento Rural e Meio Ambiente (SEDEMA), o marco inicial da prática de feiras-livres na década de 1990. No ano de 1991, registou-se a primeira feira livre da cidade, e naquele mesmo ano criou-se a Associação

de Feirantes de Chapecó (APROFEC). No ano de 1999, o programa ganhou o nome de Feira de Produtos Coloniais e Agroecológicos e já contava com pelo menos nove pontos de atendimento à população em diferentes bairros da cidade, mantendo a sua maior estrutura na região central (Vasques, 2016).

Para Fossá, Ternus e Badalotti (2020), a contribuição histórica que as feiras de Chapecó propuseram à região, encontra-se a diversificação de possibilidades que a feira livre oferece aos agricultores familiares, oportunizando a geração de renda e oportunidades de trabalho para a família. Por outro lado, no que diz respeito à contribuição que oferece a população urbana, encontra-se a disponibilidade de uma alternativa de acesso a gêneros alimentícios de origem animal e vegetal.

A feira na qual as participantes desta pesquisa trabalham tem estreita relação com os aspectos descritos pelos referidos autores. No decorrer de sua história, a feira modificou sua estrutura diversas vezes. Criada em 1998, com o intuito de proporcionar um campo de extensão aos estudantes, a feira propiciou a ampliação das práticas em Agroecologia e trouxe uma oportunidade de renda aos agricultores familiares da região. O projeto foi criado por estudantes do curso de Agronomia que possuíam como objetivo a exposição de produtos agroecológicos para conhecimento geral da população e público acadêmico. Na época, a feira contava com oito bancadas de amostra que eram instaladas nos corredores da Universidade e não possuía feirantes fixos, já que a rotatividade era grande por conta da baixa venda (Poletti, 2011).

O projeto foi apresentado à reitoria dessa Universidade após a insistência dos feirantes em conseguirem um lugar fixo para ficarem. A aceitação inicial não foi positiva, mas o lugar foi cedido, porém, a estrutura fixa era de responsabilidade dos feirantes, sem qualquer ajuda de custo por parte da Universidade. Dessa forma, a estrutura foi construída de forma rústica, com a força de trabalho dos feirantes e de voluntários. Nessa época, os produtos comercializados eram sabão, licor, saladas, mandioca, carnes em geral, salame, frutas, entre outros. Como a procura por estes produtos era baixa, muitos feirantes desistiram, e os que restaram passaram com o tempo a vender lanches que eram feitos no próprio espaço da feira. Com a fiscalização da vigilância sanitária, o espaço foi interrompido, por não atender às normas de segurança e higiene vigentes (Poletti, 2011).

O retorno das atividades aconteceu no ano de 2019, mas logo foi interrompido pela pandemia causada pela SARS-CoV-2 (Covid-19), voltando em 2021/2022, com a volta das atividades na Universidade de forma presencial. Atualmente, a feira é realizada em um espaço coberto, no hall de um dos blocos da Universidade. As atividades de comercialização acontecem

uma vez por semana, e os produtos ofertados estão entre: panificados, como pães, cucas, bolachas, bolos; lanches como pastéis, minipizzas, etc.; laticínios, como natas e queijos; produtos de origem animal, como ovos; produtos de plantio, como saladas, verduras, temperos, cogumelos, batata-doce, mandioca, entre outros; além de outros derivados, como sucos, frutas *in natura*, geleias, etc. O público-alvo são professores, acadêmicos e técnicos administrativos da instituição. Todos os integrantes vêm da agricultura familiar, alguns já integrados neste ramo desde a infância, herdando a trajetória dos pais e outros passam a exercer a agricultura a partir de uma mudança de vida e de profissão. Tais aspectos vão constituindo diferentes sentidos ao trabalho, os quais passam a ser analisados nas seções que seguem.

3.1.1 Mulher, agricultora e feirante

As participantes⁶ desta pesquisa possuem histórias particulares de ingresso e vínculo com a agricultura e com a feira. Para algumas delas, a agricultura precedeu a feira, para outras, a relação foi construída de modo concomitante.

A história da primeira participante (T1) com a feira e agricultura começou a partir do interesse que veio do seu marido em largar o emprego de motorista e focar na agricultura. Ela começou a ajudá-lo nesta atividade, iniciada pela plantação de verduras, porém com o tempo acabou se tornando uma rotina muito cansativa, visto que ela trabalhava como servidora pública e ajudava na produção, como citado por ela: “Só que daí essa rotina tava ficando muito cansativa para mim, aí eu disse, não tem mais como, aí eu acabei desistindo da prefeitura”. Com isso, ela decidiu abandonar o cargo que tinha para focar unicamente na agricultura.

Em seu relato, a trabalhadora aponta o trabalho realizado na prefeitura como exaustivo, não tinha tempo para nada: “[...] antes era sempre muita correria [...] nem almoçar sossegado não tinha como”. Foi a possibilidade de ter mais tempo com a filha que despertou a vontade de manter-se apenas na agricultura e na feira. A trabalhadora residia na cidade e foi a partir da mudança para o interior que as atividades de agricultura iniciaram e somente depois a feira passou a fazer parte das atividades. A sua sogra já morava no interior e a mudança foi para a mesma propriedade.

As vendas inicialmente aconteciam somente para restaurantes e na comunidade de porta em porta, e foi a partir de um convite feito pelo coordenador da feira que a atividade de feirante

⁶ Para preservar a identidade das participantes, serão apresentadas com a inicial “T”, referindo-se ao termo “Trabalhadora”, seguido de numerais sequenciais de 1 a 5, o que representa a ordem de participação na pesquisa.

iniciou. Hoje, T1 atua na feira e na agricultura familiar com seu marido, contando com ajuda de seus sogros, quando necessário. A atividade de comerciante fica sob sua responsabilidade, além de todas as outras atividades que a produção exige. Na feira, os produtos expostos são, em sua maioria, saladas, verduras e temperos, todos produzidos pela família.

T1 avalia a atividade de agricultura e de feira como um desafio, pois precisou aprender muito e se reinventar, como cita: “Eu fui para me desafiar mesmo no início, sabe, porque eu tinha vergonha, tanto que quem ia no início era meu marido”. Porém, apesar de ter sido um grande desafio, cita alguns benefícios que percebe nessas atividades: “Ganhei muito tempo com a minha filha”. Ela utilizou da foto que produziu para falar sobre este assunto. Para ela, a foto da sua bancada representa este desafio (Figura 2).

Figura 2 - Bancada de verduras: o desafio



Fonte: Entrevistada T1, Feira, 2022

A segunda participante (T2) é formada em Psicologia, atuou por muitos anos na área organizacional e mudou sua profissão na busca de mais qualidade de vida. Além disso, a chegada de seus dois filhos tornou-se uma motivação para esta mudança, pela possibilidade de poder acompanhar o crescimento e desenvolvimentos deles mais de perto, como ela cita: “dentro deste objetivo de buscar qualidade de vida veio mais um empurrão motivador para a gente realmente tomar essa decisão que foi quando nossos filhos chegaram”. Ela e a família já residiam no interior, em uma propriedade da família do seu marido, que já atuava na agricultura familiar através de uma pequena agroindústria.

A partir disso, iniciou as suas atividades produzindo geleias, que, segundo ela, começou a partir de uma brincadeira: “Peguei uns vidrinhos, comecei a decorar uns vidrinhos, eu gostava disso, gosto da parte artística da coisa, do visual da coisa, mas dentro daquele vidro tinha que ter algo a mais e como a gente mora no interior a gente tinha fruta, laranja na época que eu lembro

muito bem, assim que eu fui fazer o primeiro teste a primeira tentativa da geleia e peguei as laranjas que nós tínhamos atrás de casa”. Portanto, as geleias foram inúmeras vezes testadas até chegar no ideal que buscava, com isso os produtos foram se expandindo e os panificados começaram a ser fabricados, desenvolvendo várias receitas. Com esta expansão foi necessário estruturar um espaço para a produção, no qual ficaria à parte de sua casa para intitular como fábrica. Foi somente após toda esta estruturação que a atividade de feirante iniciou. T2 iniciou suas atividades em outra feira da cidade, em que permaneceu por pouco tempo por conta do início da pandemia da SARS-CoV-2 (Covid-19). Quando retornou, já iniciou na feira em que atua hoje, ampliando os seus produtos e se adaptando ao público que a frequenta. Hoje, a se mantém em uma única, onde atuam ela e seu marido, tanto na produção quanto na comercialização. Os principais produtos são geleias, bolos, pães e lanches diversificados.

A terceira participante (T3) possui uma história diferente das anteriores, pois foi apresentada à agricultura familiar desde sua infância. Filha de pais agricultores, e sendo a mais velha dos filhos, tornou-se desde muito cedo responsável pelas atividades da agricultura e de cuidadora de seus irmãos. Por conta da necessidade da força de trabalho na família, não teve a oportunidade de estudar: “É que nem eu bem dizer fui criada na roça, né? junto com a mãe. Eles não me deram estudo porque eu das meninas era mais velha, né? Então tinha que ficar em casa para ajudar as outras crianças que vieram depois, meus irmãos, e daí minha mãe não me deixava eu estudar porque tinha que trabalhar”.

Após se casar, ela continuou na agricultura com seu marido, mas até então não participava da feira. Essa atividade ficava por conta do seu marido, ela permanecia em casa, cuidando dos filhos e da casa: “a feira nós fazíamos há uns 10 anos atrás, só que naquela época eu só trabalhava em casa, só era eu e meu marido e não tinha mais ninguém para deixar em casa” (T3). Apesar de ter esse contato desde muito cedo, iniciou como comerciante na feira há pouco tempo: “eu ficava em casa cuidando e ele ia vender na feira, era assim, e daí agora eu tô tendo oportunidade de eu mesma vender os produtos que a gente consegue vender aqui”. Hoje ela atua tanto na produção quanto na comercialização. Dos produtos que vendem, alguns são produzidos por eles próprios e outros eles compram e revendem; o morango, por exemplo, é produção própria e a laranja que eles utilizam para fazer suco é comprada de um terceiro. Além da feira, vendem também para a alimentação escolar. A trabalhadora nunca teve outra profissão, senão agricultora e feirante.

A quarta participante (T4) mudou de profissão a partir de um adoecimento de sua mãe, a qual foi pioneira na agricultura familiar e na feira, participando por muitos anos de diversas delas

na cidade de Chapecó. Também relata que, pelo desejo em dar continuidade nas atividades, largou seu emprego em *telemarketing* para aprender a exercer as atividades da sua mãe. Anteriormente a esta mudança, morava na cidade com sua família, e foi então morar na propriedade de seus pais. A trabalhadora afirma sentir muito orgulho em estar seguindo nesta atividade: “E isso para mim de certa forma é um prazer sabe, pode tá dando continuidade mesmo sendo um trabalho bem difícil”. Em seguida, o seu marido também largou o emprego que tinha e passou a exercer as funções da agricultura. Hoje, a trabalhadora comercializa seus produtos em duas feiras, e toda a produção é feita por ela e seu marido na propriedade em que moram. Os produtos em sua maior parte são de origem animal, como ovos, queijos, nata e manteiga.

A quinta participante (T 5) atua na feira com a venda de panificados e lanches, geralmente acompanhada de seu marido. Ela e a família possuem uma panificadora em outra cidade na qual residem, e os produtos vendidos são os mesmos ofertados na panificadora. Além da Universidade, ainda realiza feira em outras cidades vizinhas, uma vez por mês, a cada mês em uma cidade. Antes da atividade de feirante, trabalhou em uma pastelaria, com atividades semelhantes às que realiza hoje, atuando na produção e atendimento aos clientes. Já a padaria quem iniciou foi sua sogra e em seguida ela tornou-se sócia. Os principais produtos de comercialização são pães,ucas, pastel frito na hora, entre outros lanches.

Analisando estas histórias, percebe-se um grupo diverso, com aspectos que ora se aproximam, ora se distanciam no que se refere à relação com a agricultura e a feira. Algumas com um histórico familiar, outras com uma relação de mudança de vida e de profissão. Especialmente para as primeiras, a relação com a agricultura e com a feira se apresenta como geradora de uma identidade, advinda do pertencimento do indivíduo a um grupo, etnia, cultura, entre outros. Silva (2021) afirma que a identidade profissional é construída a partir de seus pares, com o que se aprende e, principalmente, pela identificação com os seus semelhantes. A partir do contato com os demais profissionais, geralmente mais velhos e mais experientes, a identidade do profissional se molda. Na agricultura familiar, essa identificação ocorre com a própria família, que partilha do ensinamento de geração em geração. Assim, “[...] a herança profissional e a identidade familiar validam uma ideia coletiva do vínculo de sucessão e continuidade com o grupo ao qual os indivíduos pertencem.” (SILVA, 2021, p. 121). A Trabalhadora 4 utilizou da fotografia (Figura 3) para falar sobre este sentimento de continuidade, pois olhar para a bancada e os produtos é sentir prazer em estar continuando o que sua mãe iniciou há tantos anos.

Figura 3 - Sentir prazer em continuar



Fonte: Trabalhadora 4, Feira, 2022

Para Silva (2021), a feira é um lugar que permite a união entre três dimensões: a econômica, a do trabalho e a familiar. Afinal, ao mesmo tempo que se percebe como trabalhadora, percebe-se como um lugar de geração de renda e, principalmente, se percebe como um lugar possível de unir o trabalho e a manutenção da família. Acerca deste último item, a agricultura e a feira também são lugares que possibilitam, especialmente pela flexibilidade dos horários, reproduzir o lugar construído socialmente e historicamente para a mulher.

Como afirma o referido autor, além de serem trabalhadoras que plantam, colhem e comercializam, ainda precisam dividir-se com os cuidados da casa e dos filhos, que continuam a cargo de sua responsabilidade. Aspecto este que pode ser muito bem observado nas falas das mulheres que trocaram de emprego para tornarem-se feirantes e agricultoras, quando citam como um dos principais motivos a necessidade em acompanhar mais de perto os seus filhos. T1 afirma que ganhou muito mais tempo com a filha. T4 também enfatiza esta situação como um ponto de diferenciação ao seu trabalho anterior: “Tenho que levar meu filho em algum lugar eu posso deixar para depois ou ir até mais tarde, esse é um ponto bem positivo que eu disse que quando eu trabalhava na empresa não tinha, eu não podia acompanhar meu filho em nada, nem na escola.”

Sempre houve, segundo Carloto (2002), uma divisão entre homens e mulheres no que diz respeito ao trabalho, sendo justificado por questões biológicas, em que as mulheres eram consideradas frágeis e incapazes de realizar tarefas que exigissem dedicação física. Ainda a mesma autora afirma que existe uma desvalorização do trabalho feminino, e que isso gera diferenças de remuneração entre os sexos. Enquanto a mulher é sobrecarregada com essas jornadas duplas de trabalho, os homens são vistos como os provedores da família e a mulher

trabalha apenas para “ajudá-los”. Além da desvalorização do trabalho, ainda existiu um grande ataque às mulheres que trabalhavam fora de casa, sendo acusadas de serem responsáveis pelo índice da mortalidade infantil, em que teria sido motivado pelo abandono de suas mães, que deixaram de cuidá-las para trabalhar.

Esta reprodução pode ser vista no relato das trabalhadoras quanto aos produtos que são produzidos e comercializados e nas atividades que desempenham. Quanto aos produtos, observa-se que basicamente estão voltados à alimentação, e exigem preparo manual, a exemplo dos pães, massas e queijos. Acerca das atividades, parte das trabalhadoras apontam diferenças nas funções quanto às atividades mais “pesadas” e que por questões físicas há limitação na execução. Por outro lado, é visto que estas mesmas mulheres exercem funções consideradas mais “leves”, como embalar, lavar, cozinhar, cuidar. Esta diferença, como defende Prestes (2018), aponta para a manutenção deste estereótipo construído ao longo da sociedade, de que a mulher é mais “sensível”, portanto, não pode executar algumas atividades de risco ou de maior exigência física.

Ainda que prepondere a reprodução deste lugar do feminino, a feira é um lugar que possibilita, de certo modo, uma ruptura com os padrões de diferenças de sexos, tornando-a não apenas uma dona de casa, mas também uma comerciante e gestora do próprio empreendimento. Observa-se que, neste espaço, as bancas são ocupadas na maioria por mulheres, em que, dos oito participantes, cinco são mulheres e três são homens, três bancas gerenciadas pelo casal e duas unicamente por mulheres.

Quanto à gestão, o que inclui a tomada de decisão sobre produto, processo e resultados do trabalho, essa passa a ser minimamente compartilhada com o marido, quando não feita exclusivamente pela mulher. Assim, a organização familiar para produção e participação na feira, que tipo de produto vender, como produzir, a partir de quais meios e recursos, o valor a ser cobrado, a forma de exposição na banca, o destino dos resultados financeiros, investimentos, dentre outros aspectos que perpassam o trabalho, passam a ter uma implicação mais direta e participativa destas trabalhadoras, incluindo a tomada de decisão. T2 enfatiza este fato e relata: “então tudo que eu sei fazer ele sabe, tudo que ele sabe eu também sei”.

Além disso, a exposição de seus produtos na feira torna possível dar visibilidade ao saber/fazer do seu trabalho, o que é motivo de orgulho das trabalhadoras, devido ao reconhecimento e valorização dos itens pela clientela, por meio de elogios ao produto e a compra recorrente.

3.1.2 O trabalho na agricultura e na feira: “aqui é de segunda a segunda”

O trabalho como agricultora e feirante exige dedicação, pois, além de vender, é ainda necessário executar muitas outras funções, como montar e desmontar as bancas, manter uma banca bonita e atrativa ao cliente, conhecer o seu produto em todos os detalhes, para ter competência de responder questionamentos, administrar financeiramente, não ter prejuízo, ser gentil e receber bem os clientes. Nesta seção, buscou-se descrever e analisar as atividades realizadas pelas participantes, compreendendo os aspectos que apontam para o contexto de trabalho, bem como a sua organização, condições e exigências.

As práticas se diferenciam de acordo com os produtos comercializados. Para atividades de produção de panificados ou laticínios, como é o caso de T2, T4 e T5, a organização da rotina torna-se mais facilitada, já que não depende de fatores externos, como clima e temperatura, sempre levando em consideração o que é mais ou menos perecível. Os produtos panificados, quando comparados aos demais, possuem as suas particularidades, por exemplo, a exigência de recorrentes testes e inovações. A T2, que trabalha com a panificação, relata: “Então a gente testou uma coisa, testou outra e fez uma coisa e fez outra até a gente pegar uma coisa que o pessoal gosta e que tá saindo bem”.

Além disso, a T2 afirma ainda a necessidade de inovar nos produtos: “Toda semana eu quero fazer uma coisa diferente sabe, aí eu quero trazer um bolo de sabor diferente, quero fazer um salgado diferente, inventar um pão, sei lá, a gente tá sempre pensando nisso.” Este fato aponta para o que Vedana (2013, p. 54) identifica como necessidade de adaptação aos consumidores, o que “[...] envolve uma sistematização de suas experiências cotidianas na feira livre relacionadas aos seus fregueses e a suas demandas, que os ajudam a definir em que produtos investir para satisfazer esses clientes.” (Vedana, 2013, p. 54).

Os panificados e lanches exigem receita, teste para chegar na receita ideal, muitas vezes estudo para compreender quais os melhores ingredientes e qual a melhor forma de preparo. Como conta T2: “E aí isso requer aprendizado, não vou dizer que a gente vai fazer cursos ou faculdade nisso, não, mas a gente lê muito, a gente pesquisa muito em casa”. Além disso, o trabalho com panificados exige uma infraestrutura mais bem elaborada, seguindo as normas de vigilância sanitária e investimentos de equipamentos que possam auxiliar no processo de produção. T2 relata que no início sentiram a necessidade de uma estruturação para a fábrica: “A gente estruturou esse container de acordo com a vigilância, né? As exigências de pia para

lavagem das mãos, piso e parede lavável, salas divididas, então a gente já estruturou todo ele para ser nossa fábrica”.

Nesse sentido, podemos compreender as obrigações sanitárias como apontamentos de regras e normas nas atividades de feira e de agricultura, com isso as trabalhadoras investem em uma melhor estrutura ou um melhor maquinário para produção. Estas normas ajudam a qualificar o trabalho, oferecendo um serviço de qualidade.

É importante considerar que no desenvolvimento do capitalismo, estas mudanças atingem diretamente o mercado de alimentos. As rotinas urbanas aceleradas exigem que o comerciante se adeque, necessitando muitas vezes ir ao encontro do consumidor, de porta em porta, como exerce T1. Para Vedana (2013), são estas aprendizagens e experiências sobre o mundo que vão possibilitar o fazer-se feirantes a estas mulheres. Ainda, compreende-se que este tipo de trabalho é construído e aprendido durante a sua prática, e os saberes vão se constituindo a partir do contato com o cliente, pela busca por táticas de venda e a melhor escolha dos produtos.

Como um desses aprendizados sobre as táticas de venda, percebe-se a necessidade em apresentar os produtos da melhor forma possível, montando uma banca farta e bonita, e é somente ao fim de feira que estas comerciantes se permitem a apresentarem produtos que “sobram” e que não estão mais tão bonitos como os primeiros. Porém, apesar de não estarem com esta aparência perfeita que almejavam no início, ainda é necessário vendê-los, mesmo que com um preço inferior, afinal, o desperdício é sempre evitado. Com isso, compreende-se, de acordo com Vedana (2013), que este trabalho possui um ritmo que é acompanhado pelo tempo, expressado nos alimentos que mudam sua qualidade e amadurecimento.

Assim, a organização produtiva precisa levar em consideração a validade do produto, para que os alimentos sejam consumidos em bom estado, fato este que atravessa não apenas o dia de feira, mas todos os dias que antecedem. Um exemplo disso é a T2, ao citar sua rotina, explica: “Então por exemplo as bolachas todas a gente faz na segunda-feira porque são os produtos que tem um prazo de validade maior [...] e na quarta de manhã a gente finaliza aqueles produtos que são mais perecíveis”.

Produtos como saladas e verduras frescas exigem que toda a organização se volte em torno do dia de comercialização, já que a colheita precisa acontecer pouco tempo antes para não murchar ou estragar; conseqüentemente, o plantio também entra neste processo de organização em prol desse mesmo objetivo. Isso exige que o trabalhador se doe integralmente às atividades, muitas vezes tendo uma rotina de acordar muito cedo, para aproveitar os momentos de uma

temperatura mais amena e sem necessitar estar exposto ao sol, ou até mesmo finalizar as atividades somente à noite com esse mesmo objetivo. T1 exemplifica dizendo: “Geralmente vai até umas nove horas da noite porque a verdura, se tirar logo depois do meio-dia, ela já murcha, então tem que ser das quinze horas em diante”. Sobre a questão que diz respeito ao clima e temperatura, T3 enfrenta dificuldades com a produção de alguns itens, e por conta disso acabam optando pela compra de terceiros para revender ou utilizar de matéria-prima: “eu digo assim que a geada não deixa vir as coisas, a gente já plantou muito, muitos pés mas a gente não consegue produzir”.

O processo do plantio até a colheita é cheio de outras atividades. Para que o produto tenha qualidade, é necessário, portanto, regar quando não possui um sistema de irrigação automático e limpar os arredores para que não tenha a infestação de plantas daninhas. T1 relata que a atividade de regar e de arrancar o mato faz parte da sua rotina: “daí tem que regar, às vezes tem que dar uma limpada porque cresce mato essas coisas”.

A T1 cita, ainda, que enfrentam infestações de pragas e precisaram aprender a lidar com isso e combater esta dificuldade: “Mas aí você vai plantando e vai vir as pragas, né? Fungo por exemplo, bicho, são coisas que aparecem na terra por você estar plantando verdura. E aí a gente teve que começar a procurar [...] daí tivemos que sentar, conversar, entender como que trata, como que não trata”.

Em atividades que envolvem animais, a rotina é ainda mais exaustiva, já que as atividades precisam acontecer todos os dias, sem ter descanso no final de semana, principalmente quando a atividade é manual, sem nenhum tipo de automatização. T4 vivencia esta situação e cita: “aqui é de segunda a segunda sabe, porque assim se fosse só o laticínio até no domingo a gente não tem produção, mas as galinhas tu tem que colher os ovos todos os dias”. Estas atividades, por si só, já exigem uma rotina de muito trabalho, mas, além disso, o desejo pelo produto fresco, orgânico e de melhor qualidade possível exige ainda mais dos trabalhadores.

As falas de T4 apontam o desafio que enfrentam em prol de um produto de melhor qualidade: “Eu faço diferente do que o mercado por exemplo, eu faço queijo sem conservante as minhas galinhas são criadas todas soltas, alimentação orgânica [...] a galinha livre de gaiola é uma coisa que se tu ver uma galinha criada na gaiola tu pensa, meu Deus que que tão fazendo com esse bicho”.

T2 trouxe em suas falas um ponto que exige muita disciplina. Pelo fato de a produção ocorrer junto ou tão próximo de sua casa, é necessário manter uma organização para não dispersar com outras atividades e desfocar da produção:

A gente tenta uma coisa que é bem difícil, né? A gente tenta não misturar muito as coisas, tenta cumprir um horário, tenta ter uma rotina de trabalho como se a gente estivesse saindo realmente para o outro lugar para trabalhar, é claro que como você tá na tua casa às vezes não é tão simples assim, é criança que chama, chega alguém ou tu sai vai fazer alguma outra coisa mas a gente faz o possível. (Entrevistada T2)

O dia de comercialização é apontado como cansativo e de muito trabalho, visto todas as atividades que estão atreladas e a intensidade no ato de vender, afinal, é necessário dar conta de atender todos os clientes simultâneos. O trabalho não acontece somente nas horas de comercialização, existe um antes e um depois vasto, de muito cuidado, organização e higienização dos produtos. T5, que reside em outra cidade, cita este como um ponto de dificuldade: “A maior dificuldade porque é um pouco longe, né? É cansativo, a gente tem que terminar aqui às 21h e pouco para ir para casa”.

Diante do exposto, fica evidente que o trabalho exige muito esforço destas trabalhadoras, que precisam se dividir em várias funções, pois a feira é muito mais que a venda. Porém, mesmo que todo este esforço seja apontado, ainda assim percebe-se uma satisfação no que se faz. Satisfação essa que é apontada nos relatos em comparação a outros trabalhos já desempenhados, conforme a sessão a seguir irá tratar.

3.1.3 Uma nova relação com o trabalho: “você vê o início, meio e fim”

As diferenças entre o trabalho de feira e outros desenvolvidos foram apontadas pelas trabalhadoras de diferentes formas. Muitos pontos positivos foram destacados, mas também surgiram pontos que trazem dificuldade ao trabalho. Nesta seção, buscou-se destacar o trabalho de feira e agricultura quando comparado às demais profissões e atividades desempenhadas pelas trabalhadoras, destacando os pontos de motivação para o trabalho, as relações socioprofissionais e a liberdade que a atividade proporciona.

Em alguns casos, as trabalhadoras nunca exerceram outras profissões durante a vida, e estão inseridas na agricultura familiar desde a infância, porém destacam as diferenças que percebem do trabalho unicamente de produção para o trabalho como comerciante. Participar no plantio, produção, cuidado e colheita é importante e necessário, mas o ato de vender é como encerrar o processo de produção, é dar uma nova visão ao trabalho realizado, expandindo o conhecimento e propiciando o contato com o consumidor.

Independentemente de qual a forma que a agricultura e feira entraram na vida de cada trabalhadora, a mudança mais enfatizada é a liberdade que a nova atividade atribui. Lima e Fontana (2019, p. 90) atribuem à atividade de feirante um significado que vai além dos ganhos econômicos, “[...] as feiras significam para os agricultores familiares liberdade e autonomia sobre sua produção.” Liberdade que está ligada a ser dono do próprio negócio. O ganho da liberdade atribui-se ao fato de não ser mais subordinado a um chefe, ao qual impõe regras e ordens a serem seguidas. A fiscalização do trabalho e de sua qualidade está atribuída ao olhar e retorno do consumidor, que pode vir a partir de um elogio ou de uma reclamação, diferentemente de uma fiscalização e avaliação do empregador.

Essa liberdade também é atribuída aos horários de trabalho, permitindo criar seu próprio horário e variar de acordo com suas necessidades. Esta variação permite passar mais tempo com a família quando desejado, participar mais de perto da criação dos filhos. T2, por sua vez, enfatiza em seu relato a liberdade atrelada ao horário de trabalho e também a não cobrança por uma chefe: “Os horários quem faz é a gente, é claro que tem compromisso também, mas o horário quem faz é a gente não é os outros, não tem ninguém cobrando a gente toda hora”.

O prazo para cumprir as atividades está muito mais ligado à necessidade de organização da rotina do que uma pressão exterior, como pode acontecer em outras atividades de trabalho. Não é um ritmo de trabalho excessivo, embora exija organização, planejamento e disciplina, e muitas trabalhadoras conseguem planejar folgas na semana e se organizar para realizar atividades externas às atividades de trabalho, como levar o filho em algum lugar, cuidar da casa, entre outras. Nos relatos de rotina citados é possível perceber que, embora em alguns dias a rotina seja mais exaustiva, ainda assim é possível mesclar entre atividades de lazer e atividades de trabalho.

Outro ponto relevante da diferença das atividades está ligado à possibilidade de participar de todos os processos, acompanhando toda a produção, tendo conhecimento de cada detalhe. Isso possibilita um entendimento mais amplo da importância que o seu trabalho tem no processo produtivo. T2 relata sua percepção a partir da atividade de feirante e destaca: “Você inicia, você tem o meio, você tem a produção e você tá aqui, você tá em contato com o teu cliente, você tá cara a cara com o teu cliente, você tem o processo como um todo você vê o início, meio e fim”.

Dessa forma, as tarefas se tornam mais dinâmicas, pois participando de todos os processos é possível evitar que as atividades sejam repetitivas, já que a atuação está vinculada à produção, comercialização e gestão do negócio. Com este dinamismo, as tarefas não sofrem descontinuidade, ou seja, há conhecimento e atuação em todas as etapas do processo.

A trabalhadora traz esta emoção ao se escolher e suas geleias como protagonistas da feira e da foto para representar sua percepção sobre o sentido do trabalho enquanto mulher feirante (Figura 4).

Figura 4 - Geleias como protagonistas



Fonte: Trabalhadora T2, Feira, 2022

A trabalhadora enfatiza sua felicidade em um pequeno ato realizado, quando, ao finalizar um produto que levou tanto tempo para ser feito e exigiu tanta dedicação, ela pode de fato mensurar a importância e o resultado de todo seu esforço:

Quando eu peguei o primeiro rótulo das geleias e eu coloquei no vidrinho sabe, foi uma emoção assim, parece bobeira, né?, mas foi algo assim que me tocou muito, porque era realmente o resultado do nosso, do meu trabalho, de você pensar, de você ir atrás quebrar a cabeça e você imaginar, errar, voltar a fazer de novo e aí quando você vê aquilo pronto, você vê o teu trabalho, você vê o teu sonho sendo realizado se concretizando ali, não tem preço, foi uma emoção muito grande. (Entrevistada T2)

Um ponto de qualidade destacado pelas trabalhadoras é o contato com o público. T2 enfatiza a importância que isso tem no seu trabalho:

Nossa, a gente dá muita risada, faz muita amizade assim o contato com as pessoas parece que faz 500 anos que tu conhece eles por essa simplicidade que eu falei do trabalho, essa diferença entre o trabalho CLT e esse tipo de trabalho, a proximidade que ele te dá de conversar, de dar um sorriso legal. (Entrevistada T2)

A agricultora T1 aponta que o contato com o público deixa o ambiente mais divertido: “É divertido a gente conhece gente diferente”. A T3 também destaca o contato com o público

como muito importante: “Eu gosto do contato com as pessoas, nós que só trabalhamos em casa a gente não vê muita coisa, daí saindo assim é diferente, o contato com as pessoas é muito importante, muito especial mesmo”. De acordo com Lima e Fontana (2019), essa relação entre o comerciante e o freguês vai além de uma troca restritamente comercial, pois produz vínculo e trocas culturais e sociais. As trabalhadoras destacam este contato com o público positivo para ambos, tanto para o produtor quanto para o cliente, já que pelo fato de o comerciante ser o produtor isso dá a ele mais conhecimento sobre o produto, podendo tirar dúvidas dos clientes e dar detalhes sobre os ingredientes utilizados. Neste sentido, T2 destaca:

Nosso produto tá ali, nós que produzimos, nós que vendemos diretamente para o cliente, então o cliente também ganha com isso, porque ao mesmo tempo que ele pode questionar, pode perguntar, ele vai ter uma resposta consistente, ao mesmo tempo que ele pode vir reclamar de alguma coisa a gente vai tá ali para atender ele também, então benefícios para os dois lados, né? (Entrevistada T2)

Este contato próximo com o cliente possibilita às trabalhadoras se apropriarem de um sentimento de reconhecimento e valorização, já que é através do retorno do cliente que se torna capaz medir a qualidade e principalmente a importância do seu trabalho. Vedana (2013), por sua vez, aponta essa interação como essencial ao trabalho e construção do fazer-se feirante, é este outro interlocutor que irá propiciar a mensuração de importância e sucesso no trabalho desempenhado. T4 relata, a partir dos *feedbacks* que recebe dos clientes, o seguinte relato: “E isso é muito gratificante porque assim a gente vê que eles estão valorizando o produto que a gente tá produzindo, né?”. Um sentimento de gratidão emerge nos relatos da T3:

Me traz um sentimento muito de gratidão, né? Porque a gente consegue ainda produzir e trazer para o povo um produto que nós produzimos com nossas mãos [...]; é bem gratificante, até ontem a gente tava tirando alface lá para merenda escolar e daí nós estava tirando aqueles pé de alface tão bonito, a gente olha para aquilo lá com muito orgulho, que a gente plantou, a gente cuidou, a gente tá colhendo, né? Sabe que é tudo orgânico e vai servir para outras pessoas, né? Vão se alimentar, então dá muito orgulho para gente. (Entrevistada T3)

A trabalhadora 5, por sua vez, ao falar sobre a foto que produziu, afirmou que para ela os produtos são inspiradores, é o fato de produzir e agradar o cliente que a faz continuar mesmo enfrentando desafios. A banca representa a essa trabalhadora a motivação para a realização do seu trabalho (Figura 5).

Figura 5 - Produtos que inspiram



Fonte: Trabalhadora 5, Feira, 2022

No relato das trabalhadoras é possível perceber o orgulho que sentem em produzir, principalmente por ser uma produção orgânica. Compreender o produto como saudável e sustentável enfatiza um sentimento de utilidade social nas atividades que desempenham. A T4 enfatiza o trabalho da agricultura familiar como importante por ter como princípio o não uso de conservantes: “eu faço diferente do que o mercado por exemplo, eu faço queijo sem conservante, as minhas galinhas são criadas todas soltas, alimentação orgânica”.

No que diz respeito ao orgulho em produzir um alimento saudável, T2 afirma: “acho que é um orgulho para mim, é um orgulho ser feirante, poder produzir, poder transformar e oferecer um alimento saudável, um alimento que não é industrializado, um alimento que é produzido como se fosse lá da minha casa, até porque as coisas que sobram aqui a gente leva e aproveita”.

A T3 utilizou da foto que produziu para enfatizar o orgulho que sente em ofertar um produto saudável para os seus clientes: “Representa saúde, né? Porque a gente consegue orgânico, o morango a gente mesmo produz, nós produzimos a polpa do morango orgânico, né? Daí para mim representa saúde” (Figura 6).

As feiras são apontadas por Lima e Fontana (2019) como uma das principais interfaces de contribuição com a segurança alimentar e nutricional. Fato este que reflete também na confiança atribuída pelo consumidor. Afinal, observa-se que o produtor é também consumidor de seus produtos, dando a ele consciência do que de fato se produz. Os estudos realizados pelos mesmos autores acerca da percepção do consumidor indicam que as motivações na busca deste mercado estão relacionadas pela qualidade e segurança alimentar ofertada, além da valorização cultural dos alimentos.

Figura 6 - Representa saúde



Fonte: Trabalhadora 3, Feira, 2022

Dessa forma, as feiras não representam a estes fregueses somente uma busca por alimentos a fim de saciar uma necessidade fisiológica, mas sim pela representação cultural e simbólica que empregam. As trabalhadoras afirmam que este é um ponto positivo também quando se trata de remuneração. A T2, por exemplo, diz que a agricultura e a feira rendem menos que o trabalho que exercia anteriormente, porém, o custo de vida torna-se menor, já que todo o produto que produz serve também de sustento para a família, não tendo a necessidade de adquirir de terceiros. Além disso, o fato de estar em casa economiza em outras questões que precisavam de um investimento financeiro na sua antiga profissão, como ela cita: “Ganhava tão bem, mas não adiantava, não tinha como aproveitar, tinha que pagar para fazer, tudo tinha que pagar para limpar, tinha que pagar para cozinhar, tinha que pagar para cuidar das crianças, tinha que pagar tudo”.

4 Considerações finais

A pesquisa aqui apresentada buscou compreender como se constituem os sentidos do trabalho para agricultoras familiares feirantes. Constatou-se que as práticas que constituem o trabalho das agricultoras familiares feirantes envolvem um processo longo e cíclico que, indiferente do produto, se inicia no contexto da agricultura, com planejamento, manejo e preparação, e finaliza com a comercialização, no dia da feira. O trabalho requer organização e

disciplina, contando com a força de trabalho familiar. Retroalimenta-se, também, pelo aprimoramento constante, como forma de cultivar e manter os clientes.

Na condição de mulher, observou-se momentos de reprodução do lugar atribuído socialmente, notoriamente vinculados à busca ou continuidade na agricultura como espaço laboral, como forma de conciliar o trabalho remunerado com as atribuições exigidas por ser “dona do lar”. A feira, por sua vez, emerge como uma possibilidade de ruptura, na medida em que possibilita o acesso ao espaço público, dando visibilidade aos produtos e à capacidade produtiva destas trabalhadoras. Estas não só estão voltadas à preparação e manejo dos alimentos, mas também à gestão do negócio, e que traz implicações positivas para a autoimagem das trabalhadoras.

Constatou-se pelas entrevistas e intervenção fotográfica que, de modo geral, o trabalho como agriculturas e feirantes é produtor de sentido. Justifica-se tal aspecto pela possibilidade que as trabalhadoras têm de produzir e exercitar seus conhecimentos, com visão e domínio dos processos do início ao fim. Ainda, as trabalhadoras percebem seu trabalho como útil à sociedade, especialmente por ser um produto orgânico e uma produção sustentável, que contribui para a qualidade de vida e saúde das pessoas.

Observa-se que o trabalho como agricultora e feirante é central na vida destas mulheres, pelo alto grau de importância dado às atividades, conferindo-lhes, por esta escolha, uma identidade profissional. Ser agricultora e feirante é motivo de orgulho. Destacam-se as relações mantidas e construídas no e pelo trabalho, a exemplo da família, em que reside a força de trabalho motriz, e da rede ampliada de contatos, com a comercialização dos produtos na(s) feira(s).

Diferentemente de outras experiências laborais vivenciadas anteriormente, como agricultora e feirante, o trabalho traz autonomia, liberdade e independência, permitindo a criatividade, logo, é produtor de sentido. Pesquisas realizadas por Morin (2001), Tonelli, Morin e Pliopas (2007), comprovam que o trabalho não é apenas uma forma de obter remuneração e ofertar o sustento à família, mas que mesmo em situações de condições sociais que não necessitam de trabalho continua sendo uma escolha. Isso porque permite relacionar-se com os demais, sentir-se parte de um grupo e da sociedade. Para além de obter remuneração e constituir-se como fonte de sustento, o trabalho que estas mulheres exercem configura-se como um espaço de construção humana e social, pela possibilidade de colocar as trabalhadoras em relação, fazer parte de um grupo, o de mulheres, agricultoras e feirantes.

A intervenção fotográfica foi de extrema valia como estratégia metodológica, considerando que pôde suscitar a abertura para o diálogo sobre o cotidiano de trabalho, trazendo percepções e recortes que talvez não fossem possíveis somente pela entrevista, especialmente no que se refere aos sentimentos e lembranças despertados pela imagem. Esse recurso possibilitou às participantes atuarem como protagonistas desta produção, e não unicamente como fornecedores de informações, potencializando o caráter qualitativo da pesquisa. Como limitante para esta pesquisa, considera-se o fato de ter unicamente o espaço de uma feira como local para produção das imagens, em que a possibilidade de produção externa a esta, poderia trazer elementos importantes de discussão e análise sobre o assunto.

Entende-se que este estudo cumpre sua relevância social pela possibilidade de utilizar da escuta qualificada de mulheres, agricultoras familiares e feirantes, que por tais aspectos podem ter suas histórias de vida e trabalho invisibilizados por uma questão de gênero. Ainda, os resultados sinalizam para a importância da criação e fomento de políticas públicas que valorizem o lugar da mulher como agricultora e feirante, reconhecendo estes contextos laborais como espaços de geração de trabalho e renda. Por fim, sugere-se a realização de outros estudos com participantes de outros contextos e realidades para um aprofundamento ainda maior sobre este fenômeno social.

Referências

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; OZELLA, Sergio. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 26, n. 2, p. 222-245, jun. 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932006000200006>.

BRASIL. Lei n. 11.326, de 24 de julho de 2006. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. **Diário Oficial da União**, seção 1, Brasília/DF, 25 jul. 2006. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/DOU/2006/07/25> . Acesso em: 16 abr. 2022.

CARLOTO, Cássia Maria. Gênero, reestruturação produtiva e trabalho feminino. **Serviço Social em Revista**, Londrina, v. 4, n. 2, jan./jun. 2002. Disponível em: https://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v4n2_carlotto.htm. Acesso em: 4 maio 2022.

FOSSÁ, Juliano Luiz; RENK, Arlene. O conceito de agricultura familiar: retrocessos do presente. **Grifos**, Chapecó, v. 30, n. 54, p. 74-93, mar. 2021. DOI: <https://doi.org/10.22295/grifos.v30i54.5919>.

FOSSÁ, Juliano Luiz; TERNUS, Cássia Heloisa; BADALOTTI, Rosana Maria. Feiras Livres da agricultura familiar: desafios e oportunidades no município de Chapecó-SC. **Revista do Núcleo de Estudos de Economia Catarinense**, Florianópolis, v. 9, n. 18, p. 120-134, 2020.

- GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-75901995000200008>.
- LIMA, Romilda de Souza; FONTANA, Ana Paula Cavali. As feiras da agricultura familiar como território de práticas alimentares e sociabilidades. **Redes**, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 3, p. 75-100, set. 2019. DOI: <https://doi.org/10.17058/redes.v24i3.14119>.
- MAURENTE, Vanessa; TITTONI, Jaqueline. Imagens como estratégia metodológica em pesquisa: a fotocomposição e outros caminhos possíveis. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 19, n. 3, p. 33-38, dez 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000300006>.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- MORIN, Estelle M. Os sentidos do trabalho. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 41, n 3, p. 8-19, jul./set. 2001.
- NEIVA-SILVA, Lucas; KOLLER, Sílvia Helena. O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia. **Estudos em Psicologia**, Natal, v. 7, n. 2, p. 237-250, jul. 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2002000200005>.
- POLETTI, Caroline. **Relatório de estágio em Psicologia Organizacional e do Trabalho**. Curso de Psicologia. Chapecó: UNOCHAPECÓ, 2011. 60 p. (Obra não publicada).
- POSSAMAI, Zita Rosane. Narrativas fotográficas sobre a cidade. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 55-90, jun. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882007000100004>.
- PRESTES, Alline da Silva. Relações de gênero e trabalho de mulheres agricultoras/feirantes no mercado municipal de Parintins/AM. **Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**, Vitória, v. 16, n. 1, p. 1-20, 2018.
- ROVER, Oscar José; DAROLT, Moacir Roberto. Circuitos curtos de comercialização como inovação social que valoriza a agricultura familiar agroecológica. *In*: DAROLT, Moacir Roberto; ROVER, Oscar José (org.). **Circuitos curtos de comercialização, agroecologia e inovação social**. Florianópolis: Estúdio Semprelo, 2021. p. 19-43.
- SCHNEIDER, Sergio; GAZOLLA, Marcio. Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas. *In*: GAZOLLA, Marcio; SCHNEIDER, Sergio (org.). **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e mercados da agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. p. 9-24.
- SILVA, Parley Lopes Bernini da. **Identidade, trabalho e inclusão social: estudo sobre as representações de mulheres feirantes de Barbacena-MG**. 2021. 153 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2021.
- TOLFO, Suzana da Rosa; PICCININI, Valmíria. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 19, n. esp., p. 38-46, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000400007>.
- TONELLI, Maria José; MORIN, Estelle; PLIOPAS, Ana Lusia Vieira. O trabalho e seus sentidos. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, 2007.
- VASQUES, Samuel Tafernaberri. **Dinâmicas socioeconômicas na prática dos feirantes agricultores familiares de Chapecó – SC**. 2016. 87 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2016.

VEDANA, Viviane. Fazer a feira e ser feirante: a construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 19, n. 39, p. 41-68, jan./jun. 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832013000100003>.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidades. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 42-61, out. 2003

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática da pesquisa. *In*: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira (org.). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011. p. 287-309.